

Universidades Lusíada

Silva, Juliana Lima e

**A precarização no mundo do trabalho
advinda da tecnologia : o impacto no cotidiano
profissional dos assistentes sociais brasileiros no
enfrentamento a COVID-19**

<http://hdl.handle.net/11067/7257>

<https://doi.org/10.34628/jrwx-we66>

Metadados

Data de Publicação

2023

Resumo

O artigo trará reflexões críticas sobre a precarização no mundo do trabalho pelas TICS- Tecnologias de Informação e Comunicação – e os impactos no exercício profissional da classe trabalhadora do assistente social no contexto da atual crise sanitária brasileira. O trabalho apresentado é resultado da análise de dados coletados no Projeto de Extensão “Cuidar de quem cuida: acolhimento e formação de assistentes sociais da linha de frente da Covid 19”, promovido pela Universidade Federal do Mato Gro...

The article will bring critical reflections on the precariousness in work due to ICTs – Information and Communication Technologies – and the impacts on the professional practice of the social worker working class in the context of the current Brazilian health crisis. The work presented is the result of the analysis of data collected in the Extension Project “Caring for those who care reception and training of social workers on the front line of Covid 19”, promoted by the Federal University of ...

Palavras Chave

Trabalho precário, Serviço social - Inovação tecnológica

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-ISSSL] IS, n. 61 (2023)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T10:20:37Z com
informação proveniente do Repositório

**A PRECARIZAÇÃO NO MUNDO DO
TRABALHO ADVINDA DA TECNOLOGIA:
O IMPACTO NO COTIDIANO PROFISSIONAL DOS
ASSISTENTES SOCIAIS BRASILEIROS NO ENFRENTAMENTO A
COVID-19**

**THE PRECARIOUSNESS IN THE WORLD OF
WORK ARISING FROM TECHNOLOGY:
THE IMPACT ON THE PROFESSIONAL DAILY LIFE OF
BRAZILIAN SOCIAL WORKERS DURING COVID-19**

Juliana Garcia de Brito Lima e Silva

Mestranda em Serviço Social

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

ORCID: 0009-0006-1553-2941

DOI: <https://doi.org/10.34628/jrwx-we66>

Data de submissão / Submission date: 16.05.2023

Data de aprovação / Acceptance date: 01.08.2023

Resumo: O artigo trará reflexões críticas sobre a precarização no mundo do trabalho pelas TICS- Tecnologias de Informação e Comunicação – e os impactos no exercício profissional da classe trabalhadora do assistente social no contexto da atual crise sanitária brasileira. O trabalho apresentado é resultado da análise de dados coletados no Projeto de Extensão “Cuidar de quem cuida: acolhimento e formação de assistentes sociais da linha de frente da Covid 19”, promovido pela Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT. O projeto de extensão está em atividade desde o ano 2020 e conta com a participação de assistentes sociais de vários estados brasileiros atuantes em diversificados campos profissionais. Por meio de reflexões críticas, o artigo irá trazer a luz, dados atuais que evidenciam a precarização das relações de trabalho no cotidiano do assistente social brasileiro a partir da interferência dos meios digitais.

Palavras-chave: Trabalho; Tecnologia; Pandemia; Projeto de extensão; Precarização.

Abstract: The article will bring critical reflections on the precariousness in work due to ICTs – Information and Communication Technologies – and the impacts on the professional practice of the social worker working class in the context of the current Brazilian health crisis. The work presented is the result of the analysis of data collected in the Extension Project “Caring for those who care reception and training of social workers on the front line of Covid 19”, promoted by the Federal University of Mato Grosso-UFMT. The extension project has been active since 2020 and has the participation of social workers from several Brazilian states working in different professional areas. Through critical reflections, the article will bring to light, current data that show the precariousness of

work relations in the daily life of the Brazilian social worker from the interference of digital media.

Keywords: Work; Technology; Pandemic; Extension project; Precariousness.

1. Introdução

O presente artigo é fruto de debates e pesquisas realizadas por um grupo de profissionais assistentes sociais participantes do Projeto de Extensão “Cuidar de quem cuida: acolhimento e formação de assistentes sociais da linha de frente da Covid 19”, promovido pelo Departamento do curso de graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso nos anos de 2020 e 2021.

Com base em estudos bibliográficos e análises de dados coletados durante a participação dos assistentes sociais no referido projeto, este artigo apresenta uma discussão acerca da intensificação da precarização do trabalho e a crescente devastação do exercício profissional durante o período da pandemia¹.

Assim, em sua estrutura textual, o artigo traz os impactos sofridos pelos participantes do Projeto de Extensão em seu cotidiano profissional durante o trabalho desenvolvido na linha de frente.

No ano de 2021, algumas análises de dados foram realizadas e organizadas de forma quantitativa e qualitativa. Destaca-se que se tratavam de assistentes sociais de diversas cidades e estados que contribuíram trazendo várias características que abrangeram desde seus perfis à avaliação sobre seu trabalho na linha de frente no contexto da pandemia.

De forma geral, na metodologia de análise utilizada para a interpretação destes formulários, procurou-se por uma sistematização interpretativa dos textos, de modo que houvesse uma aproximação das respostas dos participantes ao tema geral proposto.

¹ Costa, F. dos S. da, Silva, J. G. de B. de L. e, & Tonelli, Y. N. (no prelo). A precarização no mundo do trabalho e o impacto no cotidiano profissional das assistentes sociais no enfrentamento à covid-19. In Lacerda, L. E. P. de Lacerda (Org.). Nos bastidores da linha de frente: lições históricas ao trabalho das assistentes sociais no enfrentamento a pandemia da Covid-19. Jundiaí, SP: Paco Editorial, pp. 49-82.

Houve também a finalidade de associar tais dados às referências bibliográficas de alguns autores escolhidos, considerando a relevância destes na produção teórica e de estudos que embasam sobre o tema da precarização do trabalho em tempos de crise.

2. Os impactos no cotidiano profissional da classe trabalhadora do assistente social no contexto de enfrentamento a COVID-19

A crise estrutural do capitalismo acirrou a desigualdade social, trazendo impactos no âmbito econômico, cultural e social. As consequências são o alargamento do desemprego, baixos salários e mercantilização dos direitos sociais.

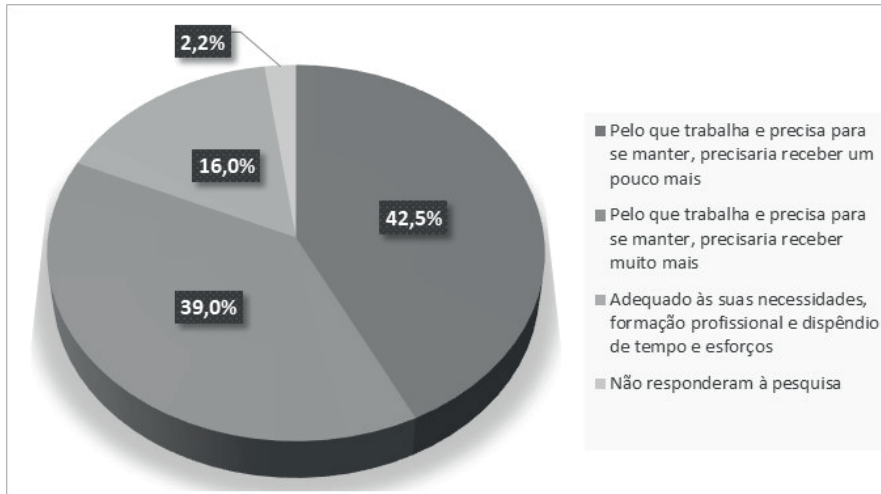
A conjuntura atual evidenciada pela pandemia denota as condições precárias de trabalho e a redução dos direitos, beirando a barbárie e, conseqüentemente, refletindo na relativa autonomia profissional. Neste sentido, é pertinente o levantamento e análise das condições de trabalho relacionadas e a categoria do assistente social, seus vínculos empregatícios estabelecidos e as formas de intervenção desta profissão perante as novas modalidades de trabalho impostas pelo capital.

Para tanto, no ano de 2020, o Projeto de Extensão “Cuidar de Quem Cuida: acolhimento e formação de assistentes sociais da linha de frente da Covid 19” realizou levantamentos objetivando evidenciar as condições de trabalho dos assistentes sociais participantes. Os questionários foram realizados no formato quantitativo e qualitativo durante o decorrer dos meses, onde utilizou-se para a coleta dos dados, formulários google aplicados de forma remota.

No mês de agosto, quando se coletaram os formulários quantitativos, o universo estava composto por oitenta e sete profissionais.

Assim, realizou-se um recorte de cinco perguntas quantitativas feitas aos participantes referentes às suas condições de trabalho e, em seguida, foram elaborados gráficos para obtenção de porcentagens que deram luz a dados importantes os quais seguem:

Figura 1 - Como você considera seu salário

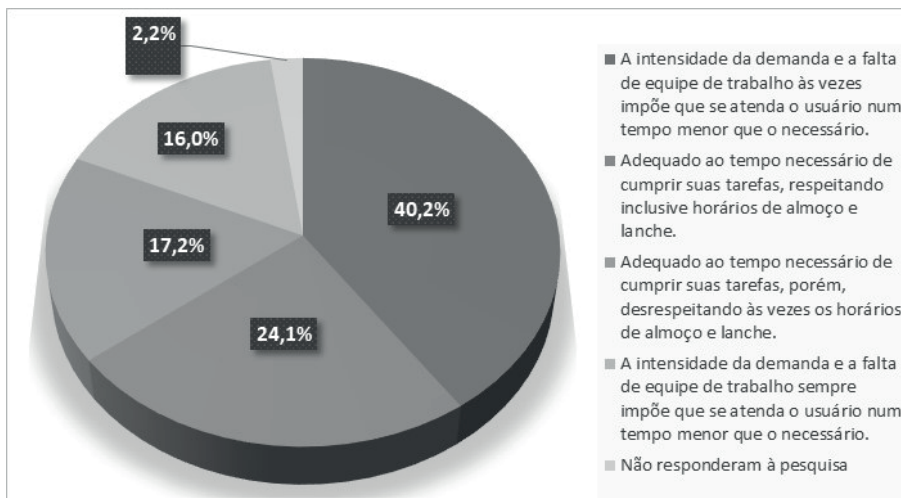


Fonte: Adaptado de Costa et al. (no prelo).

O gráfico acima apresenta as respostas dos profissionais quando perguntado sobre como consideram o seu salário. A pesquisa revelou que 81,5% dos assistentes sociais precisam receber um salário melhor para se manterem.

Importante destacar que, no sistema capitalista tudo é mercantilizado. O capital paga pela mercadoria força de trabalho que comprou. Assim, não existe um capitalismo justo, humano e igualitário. Na relação entre o trabalho e o trabalhador, o produto não identifica quem o produziu, nem como foi realizado e em que condição, incluindo a forma de exploração (Marx, 2017).

Figura 2 - Ritmo de trabalho

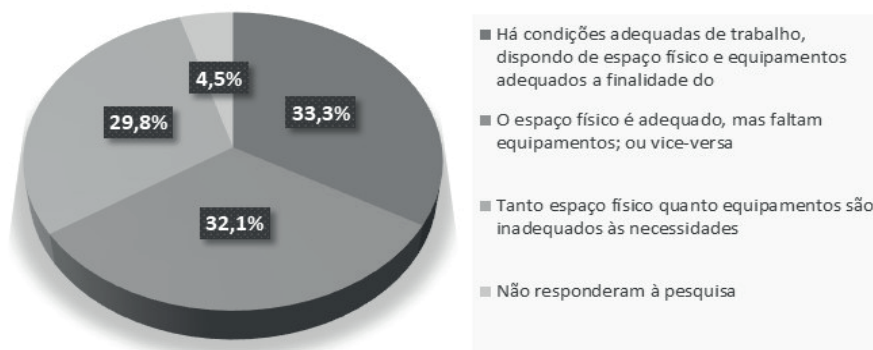


Fonte: Adaptado de Costa et al. (no prelo).

No que tange ao ritmo de trabalho do assistente social, o gráfico 2 revela uma parcela relevante de 40,2% dos profissionais que relataram que em razão da alta demanda e da falta de equipe de trabalho, às vezes lhes é imposto que se atenda o usuário em um tempo menor que o necessário. Outros 16% evidenciaram que a intensidade de demanda e falta de equipe de trabalho sempre impõe um atendimento rápido e, portanto, pontual. Neste sentido, Antunes (2018) destaca que a precarização estrutural subjugava o trabalho que acaba relativizando sua intervenção de acordo com a pressão institucional de metas.

O resultado dessa processualidade é que, em todos os espaços possíveis, os capitais convertem o trabalho em potencial gerador de mais-valor, o que inclui desde as ocupações, tendencialmente em retração em escala global, que ainda estabelecem relações de trabalho pautadas pela formalidade e contratualidade, até aquelas claramente caracterizadas pela informalidade e flexibilidade, não importando se suas atividades são mais intelectualizadas ou mais manuais (Antunes, 2018, p. 31).

Figura 3 - *Em relação as condições de seu local de trabalho*



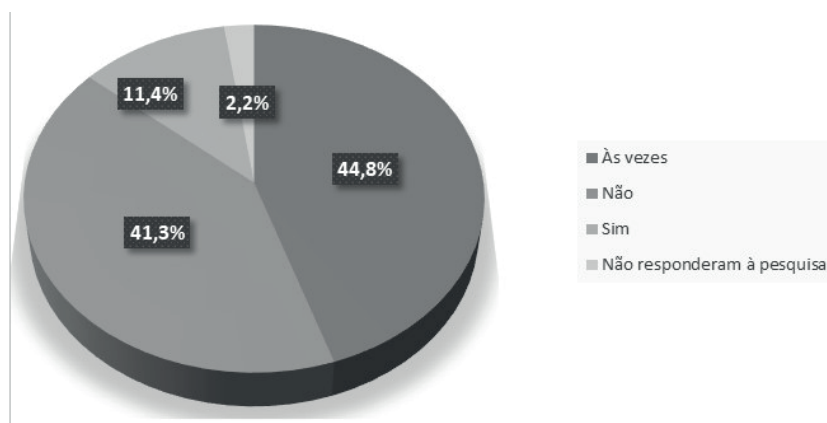
Fonte: Adaptado de Costa et al. (no prelo).

Já em relação às condições do local de trabalho, os dados expostos no gráfico 3 evidenciam que 61,9% dos locais de trabalho dos assistentes sociais estão inadequados, seja em razão do espaço físico ou pela ausência de equipamentos. É notório que, os impactos da pandemia afetaram os assistentes sociais, os colocando em risco na linha de frente. Estes, sem ambiente adequado para atendimento, também se depararam com a falta ou escassez dos Equipamentos de Proteção Individual- EPI's que, além disso, quando eram fornecidos, vinham sem orientações de manejo. Os estudiosos do assunto Hillesheim e Lara (2020), colocam sobre a exposição dos trabalhadores neste contexto:

No contexto da pandemia, os detentores dos meios de produção escancaram os valores e a lógica da sociabilidade burguesa na medida em que a vida dos trabalhadores é relegada a um segundo plano diante da defesa da necessidade de manutenção das atividades produtivas, o que requer que grandes contingentes de trabalhadores(as) se submetam aos riscos do contágio e da morte prematura. Isso, de um lado, evidencia um fato sempre encoberto pelos capitalistas: o de que sem o acionamento da força de trabalho não se produz absolutamente nada (Hillesheim & Lara, 2020, p. 45).

Dentre as inúmeras dificuldades para atendimento à população, aponta-se para o fato da falta de ferramentas e equipamentos de trabalho como, por exemplo os aparelhos de celular. Mediante esta situação, verifica-se que muitos profissionais comprometidos, pressionados com as emergências para realização dos atendimentos remotos durante o teletrabalho, utilizavam seus aparelhos celulares próprios, além de notebooks e demais recursos necessários.

Figura 4 - *Levar trabalho para fazer após o expediente*



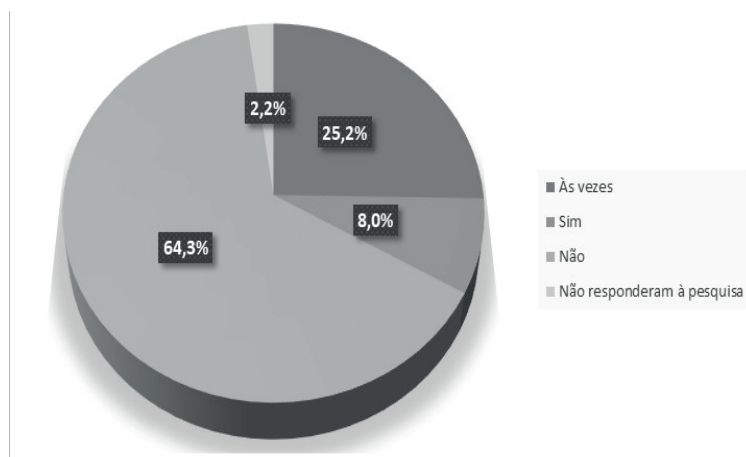
Fonte: Adaptado de Costa et al. (no prelo).

Quando perguntado se o profissional leva trabalho para ser feito após o expediente, a pesquisa revela que 44,8% dos assistentes sociais às vezes levam trabalho para casa e 11,4% afirmaram levar trabalho para realizarem após o expediente, conforme apresentado no gráfico 5. Os dados demonstram a ideia equivocada de autonomia profissional, pois o tempo previsto para descanso é empregado para trabalho.

Em sua maioria, os dados demonstram que, o assistente social enquanto trabalhador que vende a força de trabalho tem sentido os impactos e a precarização estrutural. Isto nos alerta para um cotidiano profissional marcado pela insuficiência de recursos humanos, equipes técnicas sobrecarregadas por crescentes e diversificadas demandas, pela ausência de concursos públicos e planos

de carreira, baixos salários, falta de investimentos em capacitações continuadas e, sobretudo, uma cobrança exacerbada por produtividade que contribui para o adoecimento físico e mental dos profissionais.

Figura 5 - Usar o salário para comprar recursos complementares a seu trabalho



Fonte: Adaptado de Costa et al. (no prelo).

Quando questionados se utilizam seu salário para comprar recursos complementares a seu trabalho (ex.: roupas para usuário, papel para impressora etc.) os participantes pontuaram: 33, 2% ou seja, aproximadamente 1/3 utiliza seu salário para comprar tais recursos complementares. Assim, a escassez de recursos corrobora para que aproximadamente 25% dos assistentes sociais utilizem parte de sua renda.

Com o isolamento social novos formatos no processo de trabalho foram adotados. As Tecnologias da Informação e Comunicação- TIC's que já eram utilizadas passaram a ser a única forma de atendimento à população. Embora a gestão de alguns serviços tenha adotado as TIC's na rotina do trabalho, tais dados nos revelam uma hipótese de que não foram disponibilizadas as ferramentas aos profissionais. Desta forma passamos a entender que tais

assistentes sociais usaram seus recursos para investimentos tais como: aparelhos celulares, dados móveis e notebooks.

Assim, analisa-se que, além de subsidiar o trabalho com recursos próprios, os trabalhadores ficam à mercê do controle institucional, sendo monitorados dentro e fora do horário de expediente. Com o mercado de mídias sociais em ascensão (WhatsApp, Facebook, Instagram etc.) estes têm seu comportamento controlado e muitas vezes são instruídos em como comportar-se nas redes sociais em seu tempo livre, fora do âmbito institucional (Rebechi, 2012).

Talvez as medidas de restrição e controle de uso das TICs sejam, em alguns aspectos, mais rígidas quanto à tentativa de controlar a vida pessoal dos trabalhadores fora do trabalho devido a maior facilidade e agilidade que estas tecnologias imprimem à disseminação e circulação de informação. No entanto, a lógica que caracteriza as prescrições relacionadas às tecnologias de comunicação e de informação no mundo do trabalho nos parece a mesma já articulada pela dominação do capital nos processos produtivos (Rebechi, 2012, p. 238).

Para demonstrar tais graves processos de precarização do trabalho a que os participantes estavam expostos, o Projeto de Extensão também aplicou questionários com perguntas abertas aos assistentes sociais do grupo. Um destes questionamentos se destacaram dos demais em virtude da associação e relevância dos elementos trazidos junto a temática deste artigo. A pergunta realizada que trouxe relevantes resultados qualitativos foi: “Quais são as maiores dificuldades que você tem enfrentado para materializar os serviços de qualidade, conforme os preceitos do nosso projeto ético-político?”. Percebeu-se entre as respostas, um grande número de pessoas que, em suas narrativas escritas, utilizaram-se da palavra “falta”. Desta forma, visualiza-se que a palavra “falta” esteve associada à não implantação oficial da política pública de Assistência Social nos diversos municípios:

“Falta de políticas sociais, burocracia do sistema.”

“Falta de planeamento da política, entrega de cesta básica.”

“Falta de projetos e programas oficiais que atinjam as necessidades dos usuários.”

Outra questão relevante que aparece registrada em múltiplas citações, nos descrevem uma vertente já imposta ao cotidiano profissional, porém, terrivelmente ampliada e exposta pelos tempos de pandemia. Tivemos como exemplo, menções a falta de recursos como:

“capacitação, espaço, ambiente, rede, autonomia, acesso, informação, articulação...”

Destaca-se nesta análise, um único, porém, intenso e significativo elemento que apareceu na escrita de um dos (as) participantes, que mencionou o termo “assédio”, ao responder tal questionamento, conforme segue:

“assédio moral em ambiente de trabalho, vindo de chefias e próprios colegas também é item que interfere nos serviços de qualidade pois me fez adoecer e por muitas vezes me afastar para tratamentos (o que prejudica e interfere nas ações pois o serviço fica descoberto e quando vc retorna ele está acumulado e vc não dá conta de fazer)”

Neste contexto, analisou-se sobre duas graves questões. A primeira refere-se à intensificação dos assédios morais culturalmente naturalizados, advindos de colegas e chefias nos ambientes de trabalho. Reflete-se aqui sobre um possível aumento da violência de caráter institucional que, em tempos de pandemia, poderia estar ligada ao maior uso de recursos tecnológicos nos ambientes de trabalho, devido às jornadas remotas e em isolamento, como vimos também nos dados quantitativos supracitados.

Em seus estudos mais recentes, Antunes (2020) debate sobre a apropriação das novas TICs- Tecnologias de Informação e Comunicação- pelo capital em tempos de crise econômica e financeira mundial como estratégia para a obtenção, reprodução e apropriação de lucros. O autor afirma que “é quase impossível, hoje, encontrarmos qualquer trabalho que não tenha alguma forma de dependência do aparelho de celular” (Antunes, 2020, p. 350).

Avalia-se que tal análise crítica é algo imprescindível a ser adotada nos tempos atuais pelos assistentes sociais, pois “estas mudanças não se dão somente pela incorporação de novas tecnologias, mas pela transformação das formas de produção, acumulação e organização social acessíveis pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), e desta forma, desenvolve um novo padrão de acumulação capitalista” (Queiroz, 2008, p. 3).

A segunda grave situação somada à questão do assédio são os agravos à saúde dos trabalhadores que supomos grave intensificação nesse período. Na escrita, isto aparece apenas no relato acima, porém de forma intensa e evidentemente esclarecida “...me fez adoecer...” (SIC). Perante isto, avalia-se como um dado qualitativo de relevante impacto evidenciado nestes tempos. A questão do adoecimento dos profissionais é fator fortemente ligado às dificuldades de atuação junto ao aumento das demandas deste período e é resultado da grave precarização do trabalho imposta aos assistentes sociais. Novamente, enfatiza-se como as chamadas novas TICs- Tecnologias de Informação e Comunicação- geram consequências para todos os trabalhadores assalariados e respingam diretamente no cotidiano dos assistentes sociais que participavam no projeto. Nesta nova face da precarização imposta pela era da revolução digital² que fatalmente se intensificou durante este período de pandemia, os profissionais do projeto concentraram-se na execução de atividades de caráter flexibilizado e isola-

² Estamos vivendo a Era Digital, que se caracteriza pela mudança radical dos paradigmas da comunicação, pela maior rapidez e agilidade na propagação da informação e pela facilidade com que o cidadão comum tem expressado suas opiniões e se relacionado com seus semelhantes, compartilhando interesses e objetivos comuns, sejam eles de caráter afetivo ou profissional (Mattos, 2013, p. 208).

do. Isto implicou em riscos de saúde e afetou a própria vida deste trabalhador. Antunes (2018), ao discutir sobre esta flexibilização e adoecimento do trabalhador isolado nos alerta para questões graves envolvendo a morte através do ato de suicídio. Segundo ele, é um processo recorrente e uma expressão amarga da intensificação da precarização do trabalho por estas novas formas:

O suicídio é a expressão radicalizada da deterioração das condições de trabalho sob a vigência da gestão flexível. Ele e todo o sofrimento que o cerca encontram espaço para se desenvolver na medida em que a classe trabalhadora se vê diante de uma organização do trabalho voltada para o controle acentuado de sua atividade, sob condições em que as margens para a autonomia e o improvisado, mesmo que já bastante limitadas na fase anterior do capitalismo, tenha sido gradativamente eliminadas. Uma organização de trabalho que oscila o tempo todo entre o discurso de valorização e o controle físico e mental extremados (Antunes, 2018, p. 144).

Nesta toada Sant’ana e Silva (2013) afirmam que o atual contexto e a lógica perversa imposta pelo capital têm trazido esmorecimento aos profissionais, o capital ao descartar uma relevante parcela da força de trabalho reduzindo o trabalho vivo e ampliando o trabalho morto sem diminuir a demanda pelo trabalho alienado-abstrato, provoca o adoecimento da classe trabalhadora. Desta maneira a exploração vai sendo naturalizada, vista como “normal”, necessária e “inevitável”.

3. Considerações finais

Com base na análise dos dados apresentados pelo Projeto de Extensão “Cuidar de quem cuida: acolhimento e formação de assistentes sociais da linha de frente da Covid-19” promovido pela Universidade Federal do Mato Grosso- UFMT no que concerne à intensificação da precarização do trabalho dos assistentes sociais,

procurou-se mostrar os impasses que a classe trabalhadora tem se defrontado na atual conjuntura de intensas contradições do sistema capitalista e dados de uma realidade profissional que está à beira da barbárie.

Com um olhar detalhado de análise a partir das referências de importantes autores que debatem sobre o tema da precarização, pode-se verificar, o quanto este período afetou o cotidiano de trabalho desta classe que, além dos prejuízos impostos pelo Estado empregador anteriormente, veio sofrer fortes processos de devastação, com a descaracterização do trabalho, flexibilização de suas ações e ausência de recursos humanos e materiais. Desta forma, os profissionais são impelidos a agirem de forma pontual em imediatismos em decorrência do aumento exponencial das demandas.

O crescente achatamento de salários, o aumento do ritmo de trabalho, as precárias condições dos ambientes físicos somados à falta de autonomia para tomada de decisão, também foram fatores denunciadores de uma situação de debilidade sistematizada e, portanto, estruturalmente definida dos processos de trabalho de forma geral. Processos tais, que fatalmente, foram expostos pelos participantes ao responder sobre seus cotidianos de luta e de uma classe à qual buscava por acolhimento e formação no projeto de extensão denominado “Cuidar de quem Cuida”.

Cabe ressaltar na presente conclusão sobre a crescente violência institucional denominada assédio moral também desvelada e demasiadamente ampliada no período de atendimento na chamada linha de frente de enfrentamento à Covid-19. É fator explícito que tal situação ocorreu de forma culturalmente naturalizada, não somente nas relações vividas entre os próprios trabalhadores, mas destes em suas relações hierárquicas. Aqui, avalia-se sobre o peso do uso dos recursos das TICs para o controle, manipulação e recorrente exposição deste trabalhador que fatalmente adocece, sem meios de defesa e proteção em seus ambientes de trabalho.

Enfrentando serviços pontuais e descontínuos, ambientes hostis, levando parte de seu trabalho para serem realizados no domicílio e disponibilizando de seu salário para viabilizar melhores recursos em suas jornadas, o assistente social passa a sofrer inu-

meráveis mazelas de saúde nestes tempos desoladores. Presenciamos relatos de profissionais doentes, faltantes de seus postos, afastados ou desempregados.

Por fim, vale refletir que, apesar das intensas dificuldades sofridas pelos trabalhadores verificadas através dos dados coletados pelo projeto de extensão, algumas saídas são visualizadas por estes quando refletem sobre processos de trabalhos contínuos que garantam maior qualidade nos serviços prestados. Palavras como fortalecimento, concurso público, mobilização social, autonomia e estabilidade, revelaram discursos extremamente importantes para se enfrentar o desafiador cotidiano profissional gerado pelo contexto da pandemia nestes tempos de crise.

Referências

- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. Boitempo.
- Antunes, R. (2020). Trabalho Digital, “indústria 4,0” e uberização do trabalho. In Carelli, R. de L., Cavalcanti, T. M., & Fonseca, V. P. (Orgs). *Futuro do Trabalho: os efeitos da revolução digital na sociedade*. Brasília: ESMPU.
- Costa, F. dos S. da, Silva, J. G. de B. de L. e, & Tonelli, Y. N. (no prelo). A precarização no mundo do trabalho e o impacto no cotidiano profissional das assistentes sociais no enfrentamento à covid-19. In Lacerda, L. E. P. de Lacerda (Org.). *Nos bastidores da linha de frente: lições históricas ao trabalho das assistentes sociais no enfrentamento a pandemia da Covid-19* (pp.49-82). Paco Editorial.
- Hillesheim, J., & Lara, R. (2020). Crise, estado e precarização do trabalho. In Lira, I. C. D., Barros, J. C. & Silva, R. C. de S. (Orgs). *Questões e tendências contemporâneas do capitalismo: desdobramentos para as políticas sociais e o Serviço Social*. São Carlos, SP: Diagrama Editorial.
- Marx, K. (2017). O processo de trabalho e o processo de valorização. In Marx, K. *O capital: crítica da economia política*. (2a ed.). São Paulo: Boitempo.
- Mattos, S. A. S. (2013). *A revolução digital e os desafios da comunica-*

- ção. Cruz das Almas, BA: EDUFRB.
- Queiroz, M. G. (2008). A incorporação das Tecnologias de Informação no âmbito do Serviço Social. *ETIC - Encontro de Iniciação Científica*, 4 (4), <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/1829/1737>.
- Rebechi, C. N. (2012). Entre o virtual e o real: reflexões sobre as TICs nas relações de trabalho. *Intexto*, (26), 223-244. <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/20649>.
- Sant'Ana, R. S., & Silva, J. F. S. (2013). O método na teoria social de Marx: e o Serviço Social? *Temporalis*, 13 (25), 181-203.